

Credor americano acha proposta de Bresser "loucura"

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON— A nova proposta brasileira de conversão de parte da dívida externa em títulos governamentais é considerada perigosamente radical e inaceitável pelos bancos credores, afirmou ontem o *The Wall Street Journal*. Esse jornal americano é conhecido por suas posições conservadoras na questão da dívida externa e nos últimos meses tem anunciado consequências catastróficas para o Brasil em função da moratória. O jornal previu corte substancial das linhas de crédito de curto prazo logo depois da moratória, por exemplo, medida que os bancos credores não tomaram, pelo menos até agora.

Segundo o *The Wall Street Journal*, Richard Huber, um vice-presidente do Citibank, teria classificado a proposta brasileira como "loucura, isto é uma loucura", ao ler uma notícia a respeito dela publicada num jornal europeu. Huber participava da mesma conferência em que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, discursou ontem, em Viena.

Ele não entendeu nada da proposta — disse ao JORNAL DO BRASIL o ministro Bresser Pereira, em entrevista telefônica ao correspondente Sílvio Ferraz, de Washington, ao comentar as declarações de Huber.

Vários jornais americanos e europeus publicaram versões conflitantes da proposta de Bresser Pereira. O próprio *Wall Street Journal* interpretou a proposta brasileira como se ela implicasse uma redução de 45% a 50% no total da dívida do país aos bancos privados estrangeiros. Aparelentemente, o ministro da Fazenda estaria pensando em um desconto entre 25% e 30% aplicável apenas à metade do principal de 70 bilhões de dólares. Essas diferenças são importantes. Segundo os cálculos claramente incorretos do *Wall Street Journal*, os bancos credores sofreriam perdas entre 31 e 35 bilhões de dólares. Segundo a versão de Bresser, essas perdas oscilariam entre 8,7 e 10,5 bilhões de dólares.

Esses problemas parecem resultar pelo menos em parte da forma pouco organizada em que o governo

brasileiro e especialmente a equipe econômica têm exposto suas posições a respeito de uma questão tão importante quanto a dívida externa. "Eles parecem incapazes de se reunir, acertar uma posição comum, escrever documentos a respeito dessa posição e distribuí-los tanto à imprensa internacional quanto aos seus interlocutores governamentais e dos bancos credores", disse um alto funcionário de um organismo internacional que acompanha o tema com especial interesse.

Outro problema da proposta parece ser a dificuldade no exterior para avaliar a determinação com que ela está sendo feita. "Achamos que se trata de um balão de ensaio ou de uma forma de nos assustar antes das negociações serem abertas, a fim de que façam concessões rápidas", disse um banqueiro. Há também grandes dúvidas quanto ao grau de apoio dado à proposta tanto dentro do próprio governo Sarney quanto na sociedade brasileira como um todo. "Estamos recebendo sinais de que, se resistirmos, o Bresser vai cair e seu sucessor seria uma pessoa mais flexível", disse um funcionário de um dos maiores bancos credores do Brasil.

O próprio artigo do *Wall Street Journal* admitiu que, juntamente com o México, o Brasil é um dos poucos países com o poder de forçar a discussão séria de uma proposta desse tipo. O jornal cita uma declaração de Mario Brodersohn, ministro das Finanças da Argentina, segundo o qual o tamanho da dívida brasileira pode causar a falência dos grandes bancos americanos. Ernest Stern, vice-presidente do Banco Mundial, teria argumentado que medidas de alívio da dívida deveriam ser dispensadas aos países menos capazes de pagar seus compromissos, como os do continente africano.

Apesar das resistências demonstradas, principalmente pelos banqueiros, à proposta brasileira, o respeitado senador democrata americano Bill Bradley mostrou simpatia por medidas que aliviem o ônus da dívida dos países latino-americanos, a fim de que eles possam voltar a crescer e, assim, absorver maiores exportações dos Estados Unidos e outros países credores.